

élisée reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia

josé maria carvalho ferreira*

Nos meios anarquistas ortodoxos, Élisée Reclus não tem sido referência de autor emblemático e doutrinário em relação ao processo conducente à da Revolução Social. Por uma razão ou outra, no panteão das figuras que se consubstanciam no anarco-comunismo ou no comunismo libertário, inscritos no simbolismo da teoria revolucionária, do debate, da reflexão, da comemoração, da ação individual e coletiva, do modelo de sociedade libertária, é indistintamente assumido pelas figuras de Kropotkin, Bakunin e Malatesta. Para a generalidade dos militantes anarquistas, Élisée Reclus é antes de mais nada um cientista, que em determinados momentos da sua vida lutou pela revolução social e, sobretudo, coadjuvou a obra pioneira de Kropotkin, na elaboração do modelo de sociedade anarco-comunista.

* Professor da Universidade Técnica de Lisboa. Edita a revista anarquista *Utopia*

Sua ação de militante anarquista revolucionário é fundamentalmente conhecida pela sua participação na Comuna de Paris, em 1871, pela sua colaboração na edição do jornal *Le Révolté*, entre 1879 e 1882, por debates e conferências, dezenas de artigos de caráter panfletário e pedagógico, pequenas brochuras, entre as quais se destacam: *La Peine de Mort*, de 1889, *L'Anarchie*,¹ de 1894, e *L'Evolution, la Révolution et l'Idéal Anarchique*, de 1898. Todavia, sua outra faceta, que relaciona a anarquia com a ciência da geografia social e espacial, mostra-nos um Élisée Reclus, antes de mais nada, senhor de um conhecimento enciclopédico e profundo da Terra e da sua fauna e flora. Dessa obra imensa, que tem início em 1851, quando ele era, ainda, um jovem, e termina com sua morte, em 1905, para além de centenas de artigos de divulgação científica de geografia em revistas da especialidade, importa realçar a publicação da *Nouvelle Géographie Universelle*,² em 19 volumes, entre 1876 e 1894, e *L'Homme et la Terre*, em 6 volumes, entre 1905 e 1908. Outros livros foram, entretanto, publicados: *L'Histoire d'un Ruisseau*, de 1869, *La Terre — Description des Phénomènes de la Vie du Globe*,³ em 2 volumes, entre 1870 e 1872, e *L'Histoire d'une Montagne*, de 1880.

Pela dificuldade extrema e pela quase impossibilidade de realizar uma leitura sistemática e profunda de milhares de páginas, vou cingir-me a uma interpretação e explicitação muito sumárias e sintéticas da obra de Élisée Reclus, tentando extrair ensinamentos que nos possam servir para nossa atualidade biológica e social. Em primeiro lugar, procurarei resgatar os aspectos analíticos de sua geografia social e espacial, que o tornam um precursor da ecologia e do anarco-naturismo. Em segundo lugar, sendo Élisée Reclus apologista de um equilíbrio ecossistêmico, firmado principalmente no

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

progresso científico e em uma evolução civilizacional, inscritos ambos na liberdade e na ação individual contra o Estado, a religião e o capitalismo, destacarei as premissas que considero relevantes para a emancipação social. Por último, em sintonia com os pressupostos de sua defesa do anarco-comunismo, tentarei analisar em que medida, hoje, a luta de classes é contraditória com as premissas do anarco-naturismo e do equilíbrio ecossistêmico.

Élisée Reclus: um precursor da ecologia e do anarco-naturismo

Das muitas obras que Élisée Reclus escreveu e legou à posterioridade, subjaz uma lição epistemológica e metodológica crucial. Não há nem pode haver separação mecânica entre teoria e prática, entre objeto de observação e sujeito observador. Todos os elementos constitutivos do universo são lições sistêmicas experimentais de vida e de morte das espécies animais e vegetais, atravessadas pela interdependência e a complementaridade. Não há história sem tempo, mas também este não existe sem espaço. A geografia de Élisée Reclus é incrustada em um tempo histórico, e a sua matriz é alicerçada no progresso e em uma evolução que podem ser classificados de positivos, se inscritos na solidariedade, na liberdade, no apoio mútuo e no amor. Por outro lado, a história é pródiga em exemplos contrários. Para Élisée Reclus é possível evoluir no sentido contrário do progresso e da ciência, mas, nesse caso, estamos em um tempo histórico regressivo, pautado pela ignorância, competição, violência, guerra dominação e escravidão.

No seu livro *A História de um Ribeiro*, Élisée Reclus declara seu amor e sua admiração por todas as fontes

de vida. É um profundo hino poético à vida que emana do universo, sob todas suas formas e conteúdos. A água, os rios, os ribeiros, os oceanos, as montanhas, as florestas, o sol, a lua, os continentes, todos os planetas e em especial a Terra são um todo uno e indivisível. Enquanto fontes de vida, as interdependências e complementaridades entre as espécies animais e vegetais e, logicamente, a harmonia e a liberdade entre as mesmas excluem qualquer tipo de dominação e destruição: “Tal e qual como o homem considerado isoladamente, a sociedade tomada no seu conjunto pode ser comparada com a água que se escoia. Em todas as horas, a todo o instante, um corpo humano, simples décima milionésima parte da humanidade, abate-se e dissolve-se, enquanto que noutra ponta do globo uma criança emerge dentre uma imensidade de coisas, abre o seu olhar para a luz e torna-se um ser pensante. Do mesmo modo que numa planície todos os grãos de areia e todos os grãos de argila foram rolando pelo rio e depositados nas suas margens, também toda a poeira que recobre o globo circulou, com o sangue do coração, nas artérias dos nossos antepassados. De época para época, as gerações sucedem-se, modificando-se pouco a pouco: os bárbaros de aspecto bestial e lutando pela primazia com os animais ferozes são substituídos por seres mais inteligentes, a quem a experiência e o estudo da natureza ensinaram a arte de alimentar os animais e cultivar a terra; depois, de progresso em progresso, os homens chegam a fundar as cidades, a transformar as matérias-primas, a trocar os seus produtos, a comunicarem-se de um lado ao outro do mundo; civilizam-se, isto é, o seu tipo é enobrecido, o crânio torna-se maior, o pensamento mais alargado (...). Os povos, tornando-se inteligentes, aprenderão certamente a associar-se numa federação livre: a humanidade, até agora dividida em correntes distintas, não será mais do que um mesmo rio,

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

e, reunidos numa só corrente, nós desceremos em conjunto para o grande mar onde todas as vidas se vão perder e renovar.”⁴

Denota-se, nessa primeira análise, uma sensibilidade ecológica profunda e sistemática. Da vida que desponta dos ribeiros, através da água, explicam-se as razões de ser e de existir da Terra, da fauna e da flora que esta integra. O progresso civilizatório da espécie humana implica um equilíbrio ecossistêmico com todas as espécies animais e vegetais. Esse equilíbrio passa pela domesticação e a aprendizagem com todas as espécies animais e vegetais, não as olhando nem as entendendo como espécies externas à espécie humana, mas internas aos desígnios de emancipação social, no contexto do progresso e da civilização societária. A cooperação, a solidariedade, a liberdade e o amor, a ser desenvolvido pelos indivíduos e os povos em escala universal, devem, por tal fato, generalizar-se às relações sociais e processos de socialização da vida quotidiana na federação livre. Essas premissas, como é lógico, devem ser alargadas às relações da espécie humana com as outras espécies animais e vegetais.

Na minha opinião, se bem que toda a obra de Élisée Reclus seja pautada por uma visão ecológica (pensemos nas atividades econômicas circunscritas aos setores agrícola e industrial, entendendo o progresso dentro de parâmetros definidos pela razão da lógica científica), não aprofunda, com a proficiência devida, as premissas do modelo de produção e de consumo, circunscritos à morte e à escravidão das espécies animais, por parte da espécie humana.

Não obstante, tendo em conta um texto escrito em 1897, a que chamou “A grande família”, pode afirmar-se que Élisée Reclus foi um dos precursores do anarco-

naturismo. Ao debruçar-se sobre “A grande família”, escreve sobre um tipo de família que integra todas as espécies animais. Adotar esse conceito implica uma mudança radical nas nossas opções de escravidão e de dominação sobre aquelas espécies: “A corrupção das espécies é já um grande mal; mas a ciência dos civilizados exerce-se também pela exterminação. Sabe-se quantos pássaros os caçadores europeus destruíram na Nova Zelândia e na Austrália, ou em Madagascar. E nos arquipélagos polares, quantas morsas e outros cetáceos já desapareceram! A baleia fugiu dos nossos mares temperados, e brevemente não se encontrará nem entre os campos de gelo do oceano Ártico. Todos os grandes animais terráqueos estão igualmente ameaçados (...) Estes fatos demonstram os imensos recursos que o homem congregou para recuperar a sua influência sobre todo este mundo animado que ele deixava ir ao sabor do destino, negligenciando associá-lo à sua própria vida. A nossa civilização, ferozmente individualista, ao dividir o mundo em tantos pequenos Estados inimigos, em tantas propriedades privadas, em tantos rebanhos e manadas familiares, sofreu certamente a sua última derrota. Teremos necessariamente de recorrer à ajuda mútua para atingirmos a salvação comum. Quando a busca da amizade substituir a do bem-estar, que mais dia menos dia deverá estar suficientemente assegurado, logo que os naturalistas entusiastas nos tiverem revelado tudo o que há de belo, de amável, de humano (e muitas vezes mais do que humano) na natureza dos animais, nós olharemos com outros olhos para todas essas espécies, que se atrasaram no caminho do progresso, e acabaremos por fazer delas, não servidores ou máquinas, mas os nossos verdadeiros companheiros. O estudo dos primitivos contribuiu singularmente para compreender o homem policiado de hoje; a vida prática dos animais far-nos-á penetrar mais longe na ciência

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

da vida, alargará o nosso conhecimento das coisas e o nosso amor.”⁵

Esses pressupostos naturalistas são quase sempre atravessados por uma visão ecológica, baseada em um equilíbrio ecossistêmico, sempre dependente e determinado pelo progresso e a evolução positivista da ciência. Claro que a evolução e o próprio progresso poderiam traduzir-se em um retrocesso civilizacional, e até em uma destruição do equilíbrio ecossistêmico, mas tudo isso resultava da ignorância e da estupidez do poder político e religioso que não estão identificados com as leis da ciência e da natureza: “Entre as causas que na história da humanidade fizeram desaparecer sucessivamente tantas civilizações, deveria ser colocada na primeira linha a violência brutal com que todas as nações trataram a terra mãe. Os homens abateram as florestas, deixaram secar as fontes e transbordar os rios, deterioraram os climas, cercaram as cidades de zonas pantanosas e pestilentas; depois, quando a natureza profanada por eles, se lhes tornou hostil, tomam-na com raiua, e não podendo recompor-se como o selvagem que vivia nas florestas, deixam-se embrutecer pelo despotismo dos padres e dos reis.”⁶

Ainda que os postulados da ecologia e do equilíbrio ecossistêmico fossem cientificamente desenvolvidos em máxima plenitude em sua grande obra *Nova Geografia Universal*, pelo fato de todos os continentes que integram o planeta Terra serem objeto de uma abordagem geográfica profunda e sistemática, com uma contribuição exaustiva da geografia articulada com a história, a política, a sociologia, a cultura e a economia, Élisée Reclus nunca descurou a análise desses postulados. No final da sua vida, em 1905, na sua outra grande obra científica, *O Homem e a Terra*, reforçou-os de uma forma imperativa: “Coordenar os continentes, os mares e

atmosfera que nos rodeia, ‘cultivar a nossa horta’ terrestre, distribuir de novo e regular o ambiente para favorecer cada vida individual da planta, do animal ou do homem, adquirir definitivamente consciência da nossa humanidade solidária, formando um só corpo com o próprio planeta, abarcar com o mesmo olhar as nossas origens, o nosso presente, o nosso objetivo mais próximo e o nosso ideal longínquo, é nisto que consiste o progresso”⁷

Ciência e progresso: fatores determinantes da emancipação individual e social

Como já me referi, subsiste um denominador comum, que atravessou a vida e a obra de Élisée Réclus: uma vontade enorme de conhecer todas as manifestações de vida da Terra — incluindo montanhas, rochas, solo, rios, florestas —, com especial incidência na evolução das espécies animais e vegetais, recorrendo para isso, às causas e efeitos reportados ao conhecimento profundo da espécie humana nas vertentes histórica, social, espacial, política, cultural e civilizacional.

Essas exigências do conhecimento pessoal transformam-no em um apologista das ciências da vida e do progresso. As ciências da vida, para Élisée Reclus, não eram redutíveis à biologia, à física e à medicina, mas incluíam também as ciências sociais e humanas. Nessa assunção, o homem, enquanto entidade analítica, deveria ser objeto de estudo científico exaustivo, evitando-se, assim, todas as especulações não científicas de caráter metafísico, religioso ou ideológico. O conceito de progresso está intimamente relacionado com a evolução e a identidade histórica atingidas pelo homem, enquanto ser biológico e ser social, no planeta Terra. O conhecimento científico traduzido em progresso, impli-

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

ca, em primeiro lugar, um conhecimento intra-pessoal, razão pela qual cada indivíduo deve transformar-se em uma função de causalidade e efeitos científicos e de progresso, nomeadamente por meio da auto-educação, da auto-organização e auto-soberania de seu físico, de sua mente e de sua psique.

Nessas circunstâncias, o estudo da geografia social e espacial só poderia denominar-se de científico caso todos os fenômenos ou fatos estudados assumissem conteúdos e formas de leis, cuja regularidade e sistematização universal nos conduzisse impreterivelmente no caminho do progresso. Entre outras leis que o autor reputou como básicas — luta de classes e equilíbrio ecológico — para analisar o Homem em suas articulações com a Terra, é fundamental percebermos como indivíduos, por forma a potenciarmos nossas probabilidades de sentir, pensar e agir: “A ‘luta de classes’, a procura do equilíbrio e a arbitragem soberana do indivíduo são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da geografia social e que, no caos de todas as coisas, se mostram bastante constantes para que possamos dar-lhes o nome de leis (...). A observação da terra explica-nos os acontecimentos da história, e esta, por sua vez, faz-nos voltar ao estudo mais profundo do planeta, através de uma solidariedade mais consciente de nosso indivíduo, simultaneamente tão pequeno e tão grande, para como o imenso universo.”⁸

No amplo sentido dos termos, a ciência e o progresso são determinantes para a emancipação individual. Se um indivíduo qualquer evoluir no sentido das leis científicas e do progresso, estará capacitado para decidir e agir de forma soberana, não necessitando, para tal efeito, de qualquer poder externo à sua individualidade intrínseca. É evidente que a ignorância e a estupidez individual, que têm acompanhado a história do Homem,

estava bem patente e universalmente demonstrada no tempo histórico de Élisée Reclus, daí a importância que dava à educação integral dos indivíduos.

Só por meio da educação os indivíduos podiam asceder ao conhecimento das leis científicas concernentes a sua vida e, por essa mesma via, ao conhecimento das leis da vida que integram o planeta Terra e, logicamente, de todas as espécies animais e vegetais. A educação integral torna-se tal em um processo de aculturação e de aprendizagem social, que se opõe à educação separada da vida, ministrada pelo Estado, a Igreja e o capitalismo. Essa educação, para além de tornar os indivíduos escravos da maximização do lucro, transforma-os em seres opostos às leis da ciência e do progresso: “Convém que a ‘ciência do bem e do mal’, ou do verdadeiro e do falso, objeto da primeira maldição religiosa, se estenda por toda a terra e se distribua a todos os homens, na medida de sua boa vontade e de sua capacidade de adaptação. Sem dúvida, a realidade atual está muito abaixo do ideal proposto: do mesmo modo que o ensino integral, ao alcance de muitos, não suscita, apesar de acessível, o interesse de pouco mais do que um número relativamente pequeno de apaixonados, que se dedicam com êxito ao estudo, assim também a difusão universal do saber só penetrará gradualmente nas profundidades atávicas das populações bárbaras, que se acomodam penosamente a um novo ambiente, não sem nele deixarem numerosas vítimas. Não obstante, um novo instrumental existe e funciona cada dia com maior atividade e eficácia: cursos de adultos, técnicos e profissionais, conferências diurnas e noturnas, exercícios e demonstrações, exposições teatrais e, por último, universidades populares nascidas em distintos pontos, na Inglaterra, na América, na França.”⁹

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

Da mesma forma que para analisar o planeta Terra é impossível não analisar as espécies animais e as espécies vegetais, o mesmo princípio epistemológico e metodológico se impõe na análise do indivíduo humano. Este, enquanto subsistema integrante do planeta Terra, só pode ser analisado cientificamente na sua dimensão biológica e social. Como tal, em termos de vida biológica é, simultaneamente, um todo e uma parte ínfima da espécie humana. Por outro lado, como ser social, é um compósito de dependências e complementaridades inter-individuais, cuja síntese interativa resulta em “construídos” sociais, institucionalizados e formalizados na família, em grupos, coletividades, comunidades, sociedades de características locais, regionais, nacionais até a sociedade global.

Quando passamos de uma perspectiva individual para uma perspectiva social, evidentemente que estamos em uma dimensão de causalidades e efeitos institucionalizados e formalizados na sociedade. A história da geografia social e espacial, no seu sentido amplo, é para Élisée Reclus algo que obedece a uma evolução atravessada por situações de progresso e de retrocesso, de reformas e revoluções, de destruição e de criação, de vida e de morte. É uma história que tem o seu início nos nossos antepassados milenares, organizados em tribos e clãs, sem propriedade privada, sem trabalho assalariado, sem Estado. Tinham Deuses e superstições polisêmicas, extraídas de um estado evolutivo “selvático-primitivo”, e subsistiam socialmente sem a necessidade de noções utilitárias e simbólicas, tais como o dinheiro ou o mercado. É uma história que continua com a emergência das civilizações clássicas, resultantes do progresso e das relações racionais do homem com a Terra, e que acabam por se traduzir em relações sociais de escravidão. Não somente pela institucionaliza-

ção da propriedade privada ou do Estado, mas também pela evolução econômica, política, cultural e civilizacional subsequente, em que a dominação e a exploração assumiram uma plasticidade social relevante, por meio da criação de Impérios e de Estados, circunscritos territorialmente em cidades, regiões ou países. Dando continuidade a esse processo histórico, com a extinção do Império Romano do Ocidente, a institucionalização política, social e cultural realiza-se principalmente na Europa Ocidental, por intermédio da Igreja Católica Apostólica Romana e dos feudos liderados pelos senhores da guerra. No Oriente, esse papel é realizado pelo Islã, pelo Budismo e o Hinduísmo e pelos impérios emergentes da China, Turquia e Mongólia. Com diferenças específicas, assiste-se a uma evolução atravessada socialmente pela servidão, mesclada com outras modalidades de escravidão, sendo que é no papel do Estado, da Religião e dos senhores feudais que se fundamentam as relações de exploração e de dominação.

Seguindo o mesmo raciocínio histórico, para Élisée Reclus, a história moderna começa efetivamente com a instauração das diferentes Monarquias e dos Municípios na Europa Ocidental, não esquecendo o importante papel do Renascimento, da Reforma e dos Descobrimentos, que geraram a separação dos poderes entre o Estado e a Igreja e o processo da Colonização. Neste contexto, a ciência e o progresso funcionam como um fator estruturante do conhecimento científico do planeta Terra, nos domínios da geografia social, espacial e física. Os conteúdos e as formas de dominação complexificam-se e generalizam-se em escala intercontinental, por meio de uma crescente globalização dos transportes, por via terrestre e marítima e das trocas mercantis, decorrentes de um acréscimo das atividades econômicas dos setores agrícola, industrial e comercial.

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

Esse período histórico integra, ainda, a Revolução Industrial na Inglaterra e a Revolução Francesa, de 1789. O Estado-nação inicia o exercício dos poderes jurídico, legislativo e executivo, formalizando e institucionalizando as relações e as funções de controle e dominação do Estado sobre a sociedade civil. Por outro lado, ainda que de forma incipiente, face às perversões da dominação e da exploração criadas pelo capitalismo emergente, o Estado atua como força repressiva das convulsões sociais de caráter reivindicativo e revolucionário. A luta pela conquista e delimitação territorial e administrativa da construção definitiva do Estado-nação foi atravessada por guerras entre diferentes países em diferentes continentes, com especial incidência na Europa, América, Ásia e África.

No entanto, para Élisée Reclus, na história contemporânea, enquanto processo de formalização e institucionalização de relações sociais, processo que decorreu da evolução da ciência e do progresso, era determinantemente visível o Estado moderno, nas atividades agrícola, industrial e comercial, e também, na generalização da propriedade privada de tipo capitalista nas referidas atividades.

No que se reporta à identidade do Homem e a uma evolução positiva das suas relações com a Terra, as diferentes funções do Estado moderno eram contraproducentes, pelo fato das funções políticas, administrativas e de guerra se revelarem demasiadamente burocráticas, improdutivas e repressivas: “O Estado e os diversos Estados que o compõem têm a grande desvantagem de funcionar segundo um mecanismo tão regular, tão pesado, que é impossível modificar os seus movimentos e fazê-los habituarem-se às coisas novas. Não somente não ajuda ao funcionamento do trabalho econômico da sociedade, como também lhe é duplamente prejudicial,

primeiro, perturbando de todas as maneiras a iniciativa individual e até impedindo o seu nascimento, depois, detendo e imobilizando os trabalhos que lhe são confiados. As engrenagens da máquina administrativa estão estabelecidas precisamente no sentido inverso daquele em que elas funcionam em um organismo industrial.”¹⁰

Seguindo os mesmos pressupostos analíticos, em relação à atividade agrícola e à propriedade privada da terra, a visão ecossistêmica do autor é mais uma vez destacada, não só no sentido da denúncia das incongruências resultantes da exploração e escravidão, impostas pelo capitalismo, como das suas graves e destrutivas conseqüências para todas as espécies animais e vegetais e ainda para o solo e o clima. Sendo crítico do capitalismo e do Estado, não se coíbe de criticar o homem trabalhador agrícola, no sentido genérico do termo, que escraviza e destrói impunemente a vida no planeta Terra: “O Homem continua a ser caçador e carnívoro, mas apregoa muito os seus deveres para com os animais; as relações estreitas que mantém com os animais que trabalham para ele suscitam questões morais urgentes: todo esse mundo de operários quadrúpedes que dão o seu concurso com extrema boa vontade às empresas do seu amo, constitui, disse Clemenceau, um ‘quinto Estado’, muito semelhante ao quarto, só que se encontra mais na situação do escravo dos tempos antigos do que na situação do assalariado moderno. E coisa lamentável, há sempre um escravo para disciplinar os escravos, um homem do povo ‘baixo’ para vingar-se sobre os mais baixos que ele; um oprimido, o mesmo filho do assalariado mutilado nos seus direitos, transformase, por conta do amo, no verdugo do animal; um criado camponês que aprende a fustigar a pele do animal desobediente de toda a maneira e feitio; é o caso do carroceiro que conserva cuidadosamente a chaga do burro

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

ou da mula para nela lhe cravar o agulhão: Quantas cidades, sem serem o ‘céu’ de ninguém, são, todavia, o ‘inferno dos cavalos’.”¹¹

Não obstante saber de todas as manifestações perversas que a história contemporânea apresentava para as hipóteses de vida de muitas espécies animais e vegetais, acreditava que o papel da ciência e do progresso era determinante para os desígnios da emancipação social das mesmas. A ciência e o progresso, tornando-se elementos do conhecimento e da educação dos indivíduos integrados em atividades agrícolas, geravam, na opinião do autor, o equilíbrio ecossistêmico, permitindo desse modo que desabrochassem livremente todas as formas de vida na terra. Não é de estranhar que o equilíbrio e a harmonia entre as diferentes espécies se tornassem também um elemento estruturante da emancipação social, e que a ciência e o progresso fossem cruciais para a consecução desse fato histórico. O acordo e a defesa das leis da evolução das espécies, preconizadas por Élisée Reclus, nesse aspecto, estão em perfeita sintonia com as teses evolucionistas de Darwin: “Os progressos realizados na ciência da vida, há um século, trouxeram um melhor conhecimento dos animais e das plantas, o que representa um aumento do poder humano na transformação e na educação das espécies, bem como na compreensão de todo o conjunto harmônico das coisas. Os verdadeiros predecessores de Darwin, os que prepararam a sua educação e que deveriam ser considerados os verdadeiros autores da doutrina evolucionista, foram os criadores de animais e os jardineiros, que através das suas engenhosas investigações souberam produzir tão belas rosas, desenvolver tão maravilhosos crisântemos, embelezar tão admiravelmente as espécies dos nossos companheiros domésticos. Em cada ano se vêem novos milagres.”¹²

No cômputo geral, em termos do crescimento e das atividades econômicas, a evolução do capitalismo nas sociedades contemporâneas expressava-se basicamente no desenvolvimento da indústria e do comércio. De fato, o processo de industrialização e de urbanização das sociedades, pela crescente integração da ciência e da técnica e da racionalização da organização do trabalho, permitiu que a capacidade produtiva de bens e serviços nas sociedades contemporâneas aumentasse exponencialmente e, sobretudo, que a grande finalidade do capitalismo se traduzisse na maximização do lucro. Em sintonia com este desiderato, a potenciação da produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços reproduzia eficazmente os pressupostos da dominação e da exploração do trabalho assalariado, cuja população ativa começava a revelar-se preponderante no setor industrial. A miséria e a pobreza da classe trabalhadora, que trabalhava nas fábricas e vivia nas grandes cidades em condições paupérrimas, demonstravam inequivocadamente, de que forma o capitalismo como modelo de sociedade não estava identificado com a perspectiva positivista da ciência e do progresso preconizado por Élisée Reclus. Todavia, o processo de industrialização e de urbanização não era simplesmente negativo por esse fato. O trabalho nas fábricas e a vida nas cidades eram um espaço-tempo de destruição dos elementos de vida, essenciais à espécie humana e às espécies animais e vegetais. Concomitantemente, esse processo traduzia-se na morte do solo, dos rios, das planícies e das montanhas que propiciavam as fontes de vida dessas mesmas espécies. O trabalho da grande indústria revelava o seu caráter alienante e atomizador das potencialidades da vida da espécie humana e, logicamente, de suas hipóteses de emancipação social: “No princípio, a grande indústria tomou um aspecto bárbaro, feroz, titânico. As máquinas não estavam bem con-

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

cebidas em relação ao trabalho que deviam produzir, tinham formas pesadas, complicadas, estranhas; metidas em edifícios que tinham sido construídos para executar um trabalho manual em que se usavam ferramentas hereditárias de pequenas dimensões, faziam estremecer os tetos e as paredes com o seu estrondo; o vapor, os materiais carboníferos e os gases desprendidos das fermentações viciavam a atmosfera; os restos do antigo instrumental jaziam em pátios sujos e nauseabundos, e os operários, lutando entre os costumes inveterados e as ordens recebidas, produziam um trabalho irregular, sem elegância.¹³

A crítica radical de Élisée Reclus ao capitalismo, com base nos pressupostos positivistas da ciência e do progresso, era de índole histórica, econômica, social, política e cultural. Verifica-se que, embora propiciasse o aumento da riqueza social e sua distribuição e consumo, gerando uma expansão demográfica inaudita, a transformação de matérias-primas de características inorgânicas resultava na morte e destruição das bases da vida da terra — clima, solo, planícies, rios, ribeiros, riachos, montanhas, florestas e, sobretudo, das espécies animais e espécies vegetais — que eram vitais para a sobrevivência histórica da espécie humana. Esta crítica, dirigida ao setor industrial, ainda era mais feroz e negativa em relação ao setor do comércio: “O comércio, na prática ordinária, é, não só uma fraude e uma mentira, mas também, pela ignóbil publicidade, o comércio é uma inutilidade, uma obsessão e uma coisa feia.”¹⁴

Depreende-se que o autor considerava o comércio como algo inútil e perverso. Uma vez generalizado, traduzia-se em um consumo compulsivo de populações ignoras e na reprodução continuada e ampliada das mesmas perversões ecológicas. Era uma atividade considerada parasitária e inútil, porque improdutiva de riqueza

material e social, corporificada no consumo cotidiano da espécie humana.

A anarquia como consequência da evolução da humanidade e da revolução social

Até este momento, minha análise tem incidido basicamente em proposições elaboradas por Élisée Reclus no domínio científico da geografia que, como já disse, tem uma vertente social e espacial. Sabemos todos, ou quase todos, que não existe neutralidade axiológica no campo científico, na medida em que é impossível separar objetiva e subjetivamente o objeto de estudo observado e o sujeito observador. Em qualquer espaço-tempo de pesquisa e análise, ao lidarmos com informação, conhecimento e energia de qualquer ser humano, somos sujeitos de causalidades e efeitos, que produzem e reproduzem todo e qualquer fenômeno de natureza física, biológica, social, cultural, política, econômica, histórica e civilizacional. Assim sendo, e baseando-me na perspectiva de equilíbrio ecossistêmico de Élisée Reclus, é-me lícito afirmar que se torna impossível separar mecanicamente qualquer indivíduo de uma totalidade sistêmica, da qual é interdependente e complementar.

Das obras de referência do autor já analisadas, as correlações entre os conceitos de evolução e revolução e o conceito de anarquia são pouco explícitos, mas não deixam de implicitamente atravessar essas mesmas obras de uma forma profunda e sistemática. Servindo-se dos conceitos positivistas da ciência da vida e do progresso, Élisée Reclus demonstra bem que é impossível separar a vida da morte, a teoria da prática, o bem do mal, o progresso do retrocesso, a evolução da revolu-

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

ção, revoluções progressivas e revoluções regressivas, revolução social e reformas.

Como cientista e militante apaixonado da anarquia, as problemáticas epistemológicas e metodológicas da sua vida e obra, na minha opinião, foram bem desenvolvidas na brochura *A evolução, a revolução e o ideal anárquico*, que escreveu em 1897.

Não vendo na ciência da vida e no progresso qualquer fenômeno que demonstre ou indique oposição entre os elementos descritos, a evolução é equivalente a um sem-número de mudanças graduais, enquanto que, em simultâneo, no mesmo tempo histórico, a revolução nada mais é, em relação a todo o tipo de fenômenos, que um conjunto de mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas bruscas. Como modelo de sociedade, a hipótese da emergência histórica da anarquia não fuge ou escapa a estas restrições ao progresso e à ciência: “Constatemos, em primeiro lugar, que se faz prova de ignorância imaginando entre a evolução e a revolução um contraste de paz e guerra, de doçura e violência. As revoluções podem consumir-se pacificamente, na continuidade de uma mudança repentina do meio ambiente, dando origem a uma reviravolta nos interesses; da mesma forma que as evoluções podem ser muito prolongadas e, entretanto, atravessadas por guerras e perseguições. Se a palavra evolução é aceita de boa vontade até por aqueles que vêem os revolucionários com horror, é porque eles não percebem de modo nenhum seu valor, porque a coisa em si mesma eles não a querem, seja a que preço for.”¹⁵

No contexto da evolução do capitalismo, do Estado e da religião, enquanto fenômenos de exploração e de dominação da classe trabalhadora e dos povos, enquanto causas de destruição das fontes de vida do planeta Ter-

ra, e baseando-se sempre nos pressupostos da ciência e do progresso, Élisée Reclus torna-se um fervoroso adepto da revolução social, verificando que ela seria a única forma de realizar as mudanças bruscas que permitiriam a emergência da emancipação social e biológica. Não se julgue que a revolução social era separada mecanicamente de um processo simultâneo de reformas que acompanham qualquer evolução. Longe dessa perspectiva, e tendo presente os resultados de sua participação efetiva na Comuna de Paris, constatou que uma revolução social nunca poderá ser realizada no sentido da emancipação social se em sua gênese e sustentabilidade perdurarem as perversões de uma ação coletiva da multidão ou da “multitude”. Não há ação coletiva crível e emancipação social sem identidade coletiva, sem identidade entre os meios utilizados na luta e os resultados finais das mudanças operadas pela revolução social. Qualquer massa informe e ignara atropela esses meios e esses objetivos. Vive, age e sente conforme a sua desgraça e a sua miséria coletiva: “Com efeito, da multitude de indivíduos comprimidos uns contra os outros extrai-se facilmente uma alma comum inteiramente subjugada pela mesma paixão, deixando-se levar pelos mesmos gritos de entusiasmo ou as mesmas vociferações, não sendo mais do que um ser composto por milhares de vozes frenéticas de amor ou de ódio. Em poucos dias, em poucas horas, o turbilhão dos acontecimentos leva a mesma multidão às mais contraditórias manifestações, de apoteose ou de maldição. Aqueles dentre nós que combateram pela Comuna conhecem essas assustadoras ressacas do torvelinho humano. No início, quando estávamos à frente dos acontecimentos, seguiam-nos com saudações carinhosas, as lágrimas de admiração brilhavam nos olhos dos que nos aclamavam, as mulheres agitavam os seus lenços docemente. Mas qual foi o acolhimento dispensado aos

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

heróis da véspera que, após ter escapado do massacre, regressaram como prisioneiros entre duas colunas de soldados! Em muitos bairros, o populacho era composto exatamente pelos mesmos indivíduos; mas que contraste absoluto nos seus sentimentos e a na sua atitude! Que conjunto de gritos e maldições! Que ferocidade nas palavras de ódio. “À morte! À morte! Ao fuzilamento! Ao torniquete! Para a guilhotina!”¹⁶

Sendo defensor do anarco-comunismo preconizado por Kropotkin, sua opção passa pela defesa intransigente das massas trabalhadoras, que eram objeto de opressão e exploração por parte do capitalismo, do Estado e da religião. As contradições e os conflitos estruturavam uma identidade e uma ação coletiva conseqüente, em função das condições e dos interesses da classe trabalhadora, que eram radicalmente opostos aos da burguesia, da igreja e da classe burocrática estatal. Na medida em que a emancipação radicava na ação dos próprios trabalhadores, neles residia o projeto de emancipação social. Não se deduza, contudo, que essa noção de classe trabalhadora era redutível ao conceito de classe social, centrado nos interesses e designios do operariado industrial. Para além dele, para Élisée Reclus, o conceito de trabalhador revolucionário integrava os setores agrícola, industrial, serviços e todos os perfis profissionais que não se identificavam com a dominação e a exploração do homem pelo homem e, logicamente, também não se identificavam com a dominação e exploração destes últimos sobre as espécies animais e vegetais.

No sentido amplo, é possível deduzir da obra de Élisée Reclus a lógica revolucionária da luta de classes, quando o operariado luta contra o capitalismo. O mesmo já não podemos dizer, quando se utiliza o conceito de trabalhador identificado com os designios da eman-

cipação social e do ideal anarquista. Reside aqui sua principal contradição. Como é possível estar de acordo com o pressuposto da luta de classes, se ela encerra pressupostos de emancipação social em relação ao Estado, à religião e ao capitalismo, mas, por outro lado, mantém a essência de um modelo de produção e de consumo anarco-comunista baseado na escravidão e dominação das outras espécies? Se a revolução social só poderá realizar-se a partir de uma ação coletiva, integrando indivíduos livres e soberanos, como é possível agregar, integrar e identificar interesses, idéias e motivações diferenciadas de indivíduos por meio de quaisquer classes sociais, sabendo nós que só podemos falar de classe social com base em uma identidade coletiva e igualdade absolutas no contexto da divisão do trabalho, da propriedade privada e do trabalho assalariado? O conceito de trabalhadores não resolve, de forma alguma, essa contradição no pensamento de Élisée Reclus: “A emancipação dos trabalhadores será obra própria dos trabalhadores, diz a declaração de princípios da *Internacional*. Essa palavra é verdadeira no seu sentido mais lato. Se é certo que sempre os homens ditos *providenciais* pretenderam realizar a felicidade dos povos, não é menos verdade que todos os progressos humanos foram realizados graças à própria iniciativa de homens revoltados ou de cidadãos já livres. É, portanto, a nós mesmos que incumbe libertarmo-nos, todos nós, os que de qualquer forma nos sentirmos oprimidos e nos mantivermos solidários com todos os homens lesados e que sofrem em todo e qualquer território do mundo. Mas para combater, é preciso saber. Não é suficiente lançarmo-nos furiosamente à batalha, como Cimbros e Teutões, mugindo debaixo do escudo, como uma vaca, ou soprando num corno de auroque; estamos no tempo de prever, de calcular as peripécias da luta, de preparar cientificamente a vitória que nos dará

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

a paz social. A primeira condição do triunfo é desembaraçarmo-nos de todo o tipo de ignorância: é preciso conhecer todos os preconceitos que há para destruir, todos os elementos hostis a excluir, todos os obstáculos a superar e, por outro lado, não ignorar nenhum dos recursos de que podemos dispor, nenhum dos aliados que a evolução histórica nos dá.”¹⁷

Do mesmo modo que denotamos a função positiva da ciência, dos revoltados e dos homens livres, o papel da auto-educação e da auto-organização é crucial para que subsista uma interação e uma identidade plena entre a emancipação individual e a emancipação social. A anarquia ou o ideal anarquista como processo histórico está, e foi, no meu entendimento, inteligentemente concebida. Entre todos os autores clássicos que estão na origem ou fazem parte da construção histórica desse conceito, Élisée Reclus foi o que mais contribuiu para esse efeito.

Em primeiro lugar, porque sua afirmação clássica “A Anarquia é a mais alta expressão da ordem, sem coação e dominação”, só se pode interpretar, explicar, compreender e viver se tivermos presente que, para o autor em questão, sua essência reside em “Pensar, falar, agir livremente em todas as coisas! O ideal da sociedade futura, em contraste e, contudo, na continuação da sociedade atual, explica-se, pois, da maneira mais clara. Pensar livremente! Em consequência, o evolucionista, tornado revolucionário, separa-se de qualquer igreja dogmática, de qualquer corpo estatutário, de qualquer agrupamento político com cláusulas obrigatórias, de qualquer associação, pública ou secreta na qual o sócio deve começar por aceitar, sob pena de traição, palavras de ordem incontestadas. Acabaram-se as congregações que só existem para *indexar* os nossos escritos! Não mais reis nem príncipes para nos pedirem juramentos de obe-

diência, nem chefes de exércitos para exigir a fidelidade à bandeira; não mais ministro da Instrução Pública para nos ditar ensinamentos, para determinar até as passagens dos livros que o professor deverá ou não explicar; não mais comitê diretor que exerça censura dos homens e das coisas na entrada das *casas do povo*. Não mais juízes para forçarem a testemunha a prestar um juramento ridículo e falso, que implica necessariamente um perjúrio, dado o fato de o juramento ser em si mesmo uma mentira. Não mais chefes de qualquer natureza, funcionário, professor, membro do comitê clerical ou socialista, patrão ou pai de família, para se impor como senhor a quem é devida obediência.”¹⁸

Em segundo lugar, porque sua visão ecológica é baseada em um princípio ecossistêmico da luta pela vida contra todos os pressupostos de morte. A Anarquia, ou o ideal anarquista, não pode ser vivida fora dos pressupostos da evolução histórica e da revolução social. Esses dois termos são interdependentes e complementares. Se tivermos presente a atualidade da crise do capitalismo, do Estado, da religião e sobretudo da crise das formas de vida no planeta Terra, então é perfeitamente clara a afirmação de que a vida e a obra de Élisée Reclus é mais do que nunca atual e pode ser um bom antídoto para resistir e superar a tragédia biológica e social que atravessamos.

Notas:

¹ Cf. Élisée Reclus. *L'Anarchie*, conférence prononcée le 18 juin 1894 aux membres de la loge “Les Amis Philanthropes” de Bruxelles.

² Cf. Élisée Reclus. *Nouvelle Géographie Universelle — La Terre et les Hommes* (19 vol.). Paris, Librairie Hachette, 1876-1894.

Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza...

³ Cf. Élisée Reclus. *La Terre et les Hommes — Description des Phénomènes de la Vie du Globe* (2 vol.). Paris, Librairie Hachette, 1870-1972.

⁴ Élisée Reclus. *Histoire d'un Ruisseau*, Arles, Ed. Actes Sud, 1995, pp. 205-206.

⁵ Élisée Reclus. “La grande Famille”, in *Le Magazine International*, janeiro 1897, pp. 3-4.

⁶ Élisée Reclus, op. cit., 1995, p. 13.

⁷ Élisée Reclus. *El Hombre y la Tierra* (8 vol.). Madrid, Doncel, 1975, p. 294.

⁸ Idem, p. 72.

⁹ Ibidem, pp. 227-228.

¹⁰ Ibidem, p. 44.

¹¹ Ibidem, p. 65.

¹² Ibidem, p. 68.

¹³ Ibidem, p. 118.

¹⁴ Ibidem, p. 153.

¹⁵ Élisée Reclus. *L'Évolution, la Révolution et l'Idéal Anarchique*. Paris, Éditions Stock, 1906, p. 3.

¹⁶ Idem, pp. 10-11.

¹⁷ Ibidem, p. 15.

¹⁸ Ibidem, p. 26.

RESUMO

A obra do anarquista Élisée Reclus é apresentada no exercício de pensar nossa atualidade biológica e social. Para tanto, o artigo contempla três movimentos: Reclus como precursor da ecologia e do anarco-naturismo, a emancipação social como ponto de vista do progresso científico e da evolução civilizatória pautados pela ação individual contra o Estado e, finalmente, o confronto entre as noções de luta de classes e anarco-naturismo, no interior do anarco-comunismo proposto por Reclus.

Palavras-chave: Élisée Reclus, anarquismo, anarco-naturismo.

ABSTRACT

Élisée Reclus's work is presented in the attempt to think our biological and social pertinence. The article comprises, therefore, three movements: Reclus as precursor of ecology and anarcho-naturism; social emancipation as viewpoints of scientific progress and civilizatory evolution oriented by individual action against the state; and, lastly, the confrontation between the notions of class struggle and anarcho-naturism, within Élisée Reclus's discussion of anarcho-communism.

Keywords: Élisée Reclus, anarchism, anarcho-naturism.

Recebido para publicação em 27/03/2006. Confirmado em 31/07/2006.